



Antes, vilões eram só os outros

O Brasil chegou, efetivamente, a interromper todos os seus pagamentos de dívidas em dezembro e encontra-se, agora, com um atraso de US\$ 1,4 bilhão. Sua atual meta é renegociar os débitos sem ter de declarar uma moratória formal, que seria o equivalente a uma incapacidade de pagamentos. É evidente que os bancos ocidentais que concederam tantos empréstimos ao Brasil também têm um interesse na solução dessa questão.

As atuais preocupações brasileiras representam uma dramática inversão de papéis entre o Brasil e o México. Este tradicionalmente considerado pelos banqueiros internacionais como "a criança-problema" entre os países latino-americanos, enquanto o Brasil, durante anos, era tido como o modelo do desenvolvimento ocidental, um país que honrava a palavra dada e que pagava suas contas. Sob o ângulo político, ele também era visto de maneira favorável por causa do plano de realizar eleições diretas em 1985.

Quando a crise mexicana irrompeu, em agosto do ano passado, o Brasil e seus grandes credores pediram à comunidade bancária que não confundisse a forma louvável com que o País lidava com sua economia com os hábitos perdulários dos mexicanos. Ambos os países tinham dívidas de quase US\$ 90 bilhões, mas o México havia contraído enormes empréstimos de curto prazo, no total de US\$ 24 bilhões, ao passo que os débitos de curto prazo do Brasil eram de apenas US\$ 8 bilhões.

Mas, hoje, o México está agindo dentro dos termos de um programa de austeridade aprovado pelo FMI, ao passo que os brasileiros não conseguiram cumprir as condições estipuladas pelo Fundo. E, por mais de um mês, o organismo bloqueou a segunda parcela de US\$ 411 milhões de um crédito de três anos e US\$ 4,9 bilhões, prometido por um acordo de empréstimo stand by assinado em fevereiro, a qual seria utilizada para pagar a dívida junto ao BIS.

"Nos velhos tempos, eram sempre os mexicanos, os argentinos e os demais países sul-americanos que eram considerados irresponsáveis", declarou um economista estrangeiro no Rio de Janeiro. "Agora, os brasileiros é que causam temores."

O único ponto positivo e brilhante em seu atual desempenho é um superávit comercial de seis meses no valor de US\$ 2,95 bilhões, cifra que se encaixa na promessa feita ao FMI de alcançar um saldo comercial positivo de US\$ 6 bilhões, até o final do ano. Esse superávit, no entanto, deve-se, em grande parte, a uma queda

de 28,3% nas importações e a uma desvalorização de 30% do cruzeiro em fevereiro, o que serviu para estimular ainda mais a inflação.

Pouco depois do seu acordo com o fundo, em fevereiro, o Brasil assinou um programa de quatro partes em Nova York com os seus credores internacionais, que incluía um empréstimo-jumbo de US\$ 4,9 bilhões, a reprogramação de US\$ 4,7 bilhões em amortizações previstas para este ano, a restauração de linhas de crédito interbancário ao nível de US\$ 7,5 bilhões e mais US\$ 9 bilhões em créditos comerciais de curto prazo.

Essas negociações foram conduzidas por Delfim Netto, Carlos Langoni e pelo terceiro membro da "troika" que conduz a política econômica do País, o ministro da Fazenda, Ernan Galvêas. No ambiente doméstico, uma série de ineficientes "pacotes" de medidas corretivas diminuiu a credibilidade da "troika" diante da opinião pública há algum tempo, mas ela continuava gozando de boa reputação junto à comunidade bancária internacional até este ano. Porém, os banqueiros estão-se queixando, agora, de que receberam da "troika" estatísticas que os conduziram a conclusões errôneas.

Os negociadores do FMI exigem medidas para reduzir a inflação e pedem cortes mais profundos nos gastos estatais, em troca da liberação do dinheiro devido ao Brasil, segundo o acordo assinado em fevereiro. Num relatório interno de trabalho, conseguido pelo jornal *O Estado*

de São Paulo, os diretores do fundo calcularam que o Brasil terá de voltar ao mercado para conseguir um empréstimo-jumbo no valor de US\$ 3 a 4 bilhões, para poder fechar o balanço de pagamentos deste ano.

Isso serviu para deflagrar especulações de que uma nova equipe econômica terá de ser nomeada para reconquistar a confiança dos banqueiros estrangeiros. Numa avaliação da atual administração, que foi incofumentemente franca para uma declaração pública, o banqueiro Yves Lulan, da Société Générale da França, disse à revista *Veja*, que o "Brasil tem uma capacidade extraordinária de nos contar coisas inacreditáveis". "O que foi que aconteceu nestes últimos anos? Delfim e Langoni nos contam fábulas. Por exemplo, eles anunciam que a inflação será reduzida e ela aumenta. Todas as vezes, é o contrário do que eles dizem que acontece. Nós temos uma grande confiança na capacidade do País, mas a falta de credibilidade é total", acrescentou.

Delfim Netto respondeu aos seus críticos numa entrevista radiofônica em São Paulo. "O mundo todo está devendo entre 700 e 800 bilhões de dólares", disse. "Por que é que o México, a Argentina e mais 25 a 30 outros países foram procurar ajuda junto ao FMI, no decorrer dos últimos 10 ou 11 meses? Será que foi só por causa de uma má administração? Será possível que todos esses países tenham um Delfim Netto, que cada um deles tenha o seu próprio Delfim Netto?"



Arquivo

Apesar das queixas, Figueiredo mantém confiança em Delfim